

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Suéllen Scariot Tumellero

**CHEIAS DE GRAÇA: APROPRIAÇÕES E
CONSTRUÇÕES SOBRE O FEMININO NA RELIGIÃO**

Passo Fundo, RS

2021

Suéllen Scariot Tumellero

CHEIAS DE GRAÇA: APROPRIAÇÕES E
CONSTRUÇÕES SOBRE O FEMININO NA RELIGIÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais, Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais em Artes Visuais, sob a orientação da Dra. Alice Porto dos Santos

Passo Fundo, RS

2021

Suéllen Scariot Tumellero

Cheias de graça: apropriações e construções sobre o feminino na religião

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais, Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais, sob a orientação da Dra. Alice Porto dos Santos

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Dr(a). Jacqueline Ahlert - UPF

Prof(a). Dr(a). Alice Porto dos Santos - UPF

Prof(a). Dr(a). Lorilei Secco - UPF

Dedico este trabalho aos meus pais, namorado, amigos e colegas que me acompanharam nesse momento tão significativo na minha vida

MEMÓRIAS DA TEMÁTICA

No ensino médio comecei me envolver com coletivos estudantis, foi assim que obtive maior envolvimento com questões políticas e sociais, conheci pessoas com vivências totalmente distintas das minhas e aprendi a olhar o mundo com outros olhos, fora da minha bolha de convívio.

Entrei efetivamente em um coletivo, no qual havia um grupo apenas para tratar sobre feminismo. Nos momentos de conversa ficava claro a desigualdade entre os gêneros na sociedade, os debates foram de suma importância para criar meu senso crítico.

A temática do feminino continuou presente, na faculdade me apropriei dela para expor meus sentimentos e incertezas, questionando padrões de beleza e o lugar das mulheres na arte. É possível observar que feminino sempre esteve presente na arte, porém nem sempre da maneira como as mulheres gostariam que ele estivesse.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso segue a linha de processo e poéticas do Curso de Artes Visuais – Bacharelado. Para tanto, apresenta como problematização e objetivo geral refletir de que maneira o feminino é moldado pela religião. A pesquisa é de natureza básica, com abordagem qualitativa, preocupando-se em discorrer de forma qualitativa os questionamentos e regras construídas pela religião católica. Apresenta um breve histórico das concepções sobre a apropriação de objetos *Kitsch* religiosos, o corpo e sua representação na arte, discute religiosidade culminando em uma produção poética que une e problematiza as questões do estereótipo na religião. A partir da pesquisa e produção é possível perceber como os estereótipos presentes nas religiões influenciam as escolhas e modos de vida das pessoas.

Palavras-chave: Feminino. Kitsch. Religiosidade. Santa. Nossa Senhora das Graças.

ABSTRACT

The following research follows the line and poetics of the Visual Arts Course – Bachelor's Degree. To reach such objective, the research intends to reflect upon how the feminine image is molded by religion. The research is of basic nature, with a qualitative approach, focusing on developing about questionings and rules created by the catholic religion. The present paper will provide a short background about the conception about the appropriation of religious *Kitsch*, the body and it's representation in art, discussing about religiosity, culimating in a poetic production that unites and ponders questions of the religious stereotypes. The following research shows how the stereotypes presente in religions influence the choices and lifestyles of many people.

Keywords: Feminine. Kitsch. Religiosidade. Saint. Our Lady of Graces.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Santa Ceia I.....	14
Figura 2 – Madre Paulina.....	14
Figura 3 – Altar	15
Figura 4 – Inri.....	15
Figura 5 – Santa Ceia II.....	16
Figura 6 - Santo Antônio.....	16
Figura 7– Sainte Barbie AA.....	17
Figura 8 – Femme Maison	20
Figura 9 – Nossa Senhora das Graças	22
Figura 10 – Santa em gesso.....	23
Figura 11 - Esboço 1	24
Figura 12 - Esboço 2	25
Figura 13 - Santa 1	26
Figura 14 - Esboço 1	27
Figura 15 - Santa 2	28
Figura 16 - Esboço 1	29
Figura 17 - Santa 2	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT: Associação Brasileira de Normas Técnicas

FAC: Faculdade de Artes e Comunicação

UPF: Universidade de Passo Fundo

MAVRS: Museu de Artes Visuais Ruth Schneider

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 APROPRIAÇÃO DE OBJETOS KITSCH RELIGIOSOS.....	12
3. FEMINILIDADE E RELIGIÃO	18
4. CHEIAS DE GRAÇA: PRODUÇÃO POÉTICA	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6 REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura realizar uma reflexão sobre os aspectos religiosos que moldam as expectativas de gênero, principalmente ao que tange o conceito de sagrado e profano na sociedade através da apropriação e subversão de significados de alguns elementos das estatuetas religiosas, popularmente vistas em residências. A cultura religiosa está muito presente em minha região, além de estar em lares, podemos observar isso em nomes de ruas, escolas e até mesmo em hospitais.

Referente a essa construção, a minha pesquisa parte desses questionamentos da religião e do feminino, de vivências minhas desde a infância, que me fizeram questionar o lugar e as expectativas de gênero que incidem sobre mim. Para tanto, me aproprio de estatuetas da Nossa Senhora das Graças e modifico-as trazendo para um retrato da mulher “profana”.

Diante disso, questiona-se: De que forma a religião molda as expectativas de gênero e como isso pode se tornar um material estético e passível de desdobramentos artísticos? O objetivo geral da pesquisa se caracteriza em fazer uma busca e observação através do imaginário popular sobre a religião e seus significados, explorar também o potencial estético das estatuetas sacras a fim de desenvolver uma poética própria. Dentro dos objetivos específicos pretendo compreender a apropriação de objetos religiosos dentro da estética do *Kitsch*; observar de modo geral os conceitos de feminilidade e qual a influência da religião sobre eles e; apropriar-se de estatuetas sacras e estudar suas possíveis implicações na arte.

Partindo da hipótese de que as apropriações de estatuetas sacras podem ser incorporadas em uma poética visual, será desenvolvida uma pesquisa em arte, com abordagem qualitativa e exploratória.

O primeiro capítulo do referido trabalho procura trazer uma breve observação do conceito de apropriação, também conceituando o que são objetos de memória e de coleção, mais especificamente a de objetos *Kitsch* religiosos. Retratando objetos comuns do cotidiano enquanto estética artística.

Dando continuidade, o segundo capítulo trata dos conceitos de feminilidade e suas representações, como eles são moldados e também através da religião. Já no último capítulo é apresentado as etapas da poética visual, construída ao longo da pesquisa, através da apropriação de objetos *Kitsch* religiosos.

O desfecho do trabalho se dá pela confirmação da hipótese levantada, sanado as questões de pesquisa e concluindo assim que a religião tem grande impacto nas expectativas comportamentais do gênero feminino.

2 APROPRIAÇÃO DE OBJETOS KITSCH RELIGIOSOS.

A inserção de imagens, objetos, elementos e produtos da cultura de massa foram incorporados em diversas obras de arte. Alguns artistas que se apropriam destes objetos têm como objetivo principal criticar a produção de imagens em massa. Como exemplo disso temos o artista Andy Warhol.

Segundo Virgínia Cândida Ribeiro, em seu artigo *Apropriação na arte contemporânea: colecionismo e memória*, 2008, no início do séc. XX a exposição de Duchamp de um objeto manufaturado traz diferentes questionamentos sobre o processo criativo da arte conceitual. O fato de pensar um novo significado ao objeto já é o suficiente para torná-lo uma produção artística visível em algum circuito de circulação de arte. Na *pop art* a apropriação de objetos da sociedade de consumo e da cultura de massa se tornam o principal material para o fazer artístico, sua inspiração se torna a cultura.

Estes métodos de apropriação visam indagar algumas concepções muito presentes no âmbito da arte e do fazer artístico. Revolucionando os conceitos de originalidade e criação. O artista conceitual Douglas Huebler, escreveu em 1968: “O mundo está cheio de objetos, mais ou menos interessantes; não desejo adicionar-lhe mais nenhum. Prefiro, simplesmente, declarar a existência de coisas em termos de tempo e espaço”. Em razão disso, Walter Benjamin, em seu livro *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, 1987, prevê que essa reprodução põe um fim na ideia de superioridade de objeto artístico constituído pela sua autenticidade.

Alguns artistas como Sandro Ka, Rosana Paulino, Anna Maria Maiolino, Lia Menna Barreto, Rosangela Rennó, Oriana Duarte e outros, utilizam em suas obras a apropriação de objetos colecionáveis, os quais possuem uma memória afetiva, cultural, que quando adicionados em trabalhos, recebem uma nova possibilidade de leitura. Ainda segundo Sandro Ka (2017, p. 31).

[...]. Nesses trabalhos, essa resignificação é proposta no campo da produção de novos sentidos, agregando valores simbólicos e de status a elementos cotidianos apresentados em inusitadas articulações.

Para Jean Baudrillard (2000, p. 88), em seu ensaio sobre o ato de colecionar, todo objeto, quando colecionado, deixa de ser estabelecido pela sua finalidade para entrar na disposição da emocionalidade do colecionador. Isolado do contexto geral, perde sua representatividade, transfere sua identidade para um repertório fixo, no qual seu significado é

alterado pela seriação. Deste modo, colecionar se transforma em um modo de confinar o objeto, de maneira que seu contexto seria retirado em favor de uma lógica da coleção.

Quando falamos em estatuetas sacras, esse colecionismo não é diferente, segundo Marie France Boyer em seu livro *O Culto de Maria*.

“[...] as estatuas permanecem nos lugares mais imprevistos. Em sua imobilidade decorativa, com frequência incongruente, às vezes poética, elas oferecem ao crente ou ao passante a imagem de uma civilização perdida. Ninguém sabe mais quem as pôs ali, nem quando, pois, a memória coletiva raramente vai além de três gerações. Intemporal, antiquada, kitsch, a Virgem é então essa evocação do tempo, de outra coisa ou de outro lugar.” (2000, p. 96)

Em minha poética essa apropriação de objetos de memória e *kitsch* se faz presente e representa um misto de vulgaridade, choque e reflexões. Segundo cita Abraham Moles em seu livro *O kitsch: A arte da felicidade* (2007, p.10):

“O Kitsch é a mercadoria ordinária (*Duden*), é uma secreção artística derivada da venda de produtos de uma sociedade em grandes lojas que assim se transformam, a exemplo das estações de trem, em verdadeiros templos.”

Essa arte considerada “ordinária” e até mesmo brega, é uma estética comum na região em que vivo, presente no interior de grande parte dos lares, principalmente no de pessoas mais idosas. Tal fato não é diferente em minha família, minha avó guarda diversos quadros, calendários e estatuetas religiosas.

Figura 1 – Santa Ceia I



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Figura 2 – Madre Paulina



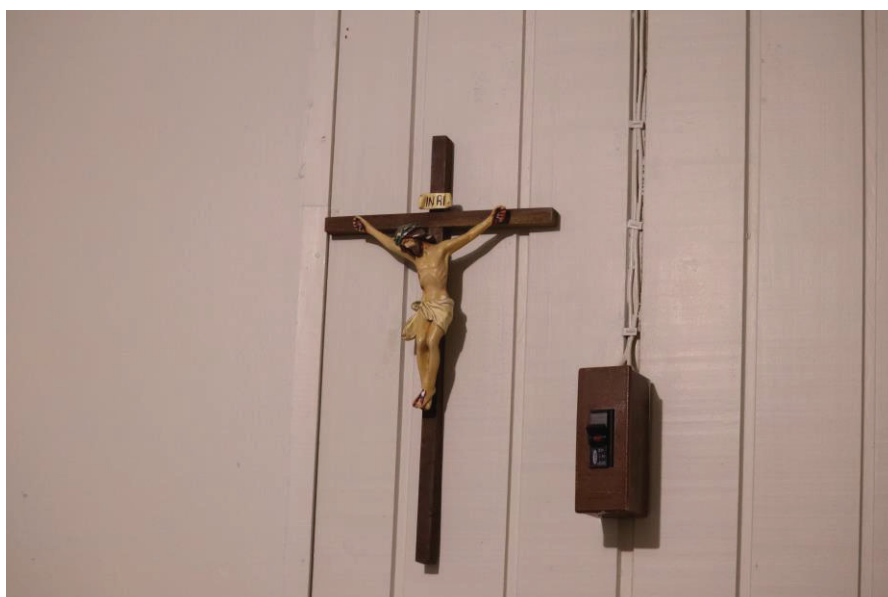
Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Figura 3 – Altar



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Figura 4 – Inri



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Figura 4 – Santa Ceia II



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Figura 5 - Santo Antônio



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

As fotografias foram tiradas na residência da minha avó durante o período de pesquisa, foram essas referências que me fizeram pensar sobre a minha criação poética. Outra referência importante é o artista Soasig Chamaillard que tem como matéria prima estatuetas religiosas de figuras femininas, ele as modifica e a cada obra retrata uma história diferente.

Figura 6– Sainte Barbie AA



Fonte: <https://www.soasig-chamaillard.com/2021>

Segundo Soasig em seu site “[...]estou falando acima de tudo sobre a mulher, seu lugar e seu papel nesta sociedade. Essas perguntas me levaram a trabalhar na imagem sagrada da Virgem Maria” (Tradução nossa). Assim como o artista, tenho como intuito propor uma reflexão sobre o feminino através de imagens sacras.

3. FEMINILIDADE E RELIGIÃO

Quando pensamos em feminilidade, precisamos entender que o seu significado foi construído ao longo dos séculos como uma representação de uma imagem ou um objeto de apreciação para o observador masculino.

Essa compreensão parte de referências na história da arte, buscando compreender como a imagem da mulher como um objeto de apreciação do olhar masculino foi moldada no tempo, no espaço e no contexto histórico e social do qual derivam valores, representações e significados que diferem entre ambos sexos.

Swain (2011, p. 03) afirma que “a construção e desvalorização do ser ‘mulher’ aparece como resultado de uma essência atrelada a um corpo deficiente, a um espírito fraco e superficial, a uma moral escorregadia e duvidosa [...]”. Para a autora, os discursos de pensadores como os de Aristóteles, Freud, entre outros, contribuíram para condenação das mulheres ao campo da ignorância, domesticidade, submissão, silêncio, penitência e resignação, dada a sua natureza inferior. Isso, de certa forma, possibilitou a constituição de um saber-poder capaz de instituir valores morais no campo da filosofia, política e religião, delimitando o espaço feminino, através de densas redes discursivas.

É importante ressaltar que a educação das mulheres era voltada aos homens, isso influencia a existência feminina, tanto em suas decisões profissionais quanto pessoais. Segundo cita Berenice Sica Lamas em seu livro *As Artistas: Recortes Femininos no Mundo da Arte* (1997, p.55):

“A escolarização feminina remete aos papéis tradicionais: o destino seriam profissões femininas como magistério ou lar e o casamento. Ao longo da história o processo de educação feminina foi pensado a partir do ponto de vista masculino, e o poder masculino buscava conformar as mulheres a obediência e a submissão como mostra o fato de até o século XVIII as mulheres serem analfabetas.”

Esses aspectos estão intrinsecamente ligados à minha poética, que visa discutir esses papéis na religião. Segundo Beauvoir (1980, p.99) “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”

Hoje, o sistema cultural que enfrentamos ainda é baseado no olhar dos homens e nas tradições, sob a qual os homens exercem poder sobre as mulheres. Pode-se dizer que apesar

das grandes mudanças nas relações de gênero e nas condições sociais das mulheres no século XX, a mídia, a cultura popular, a religião e a política ainda se baseiam nesse sistema.

Segundo Soihet e Matos (2003), fala-se muito sobre o corpo, mas as mulheres calam-se, reafirmando isso como a própria marca da feminilidade. Na linguagem que nos constitui enquanto humanos, restou ao feminino o silêncio.

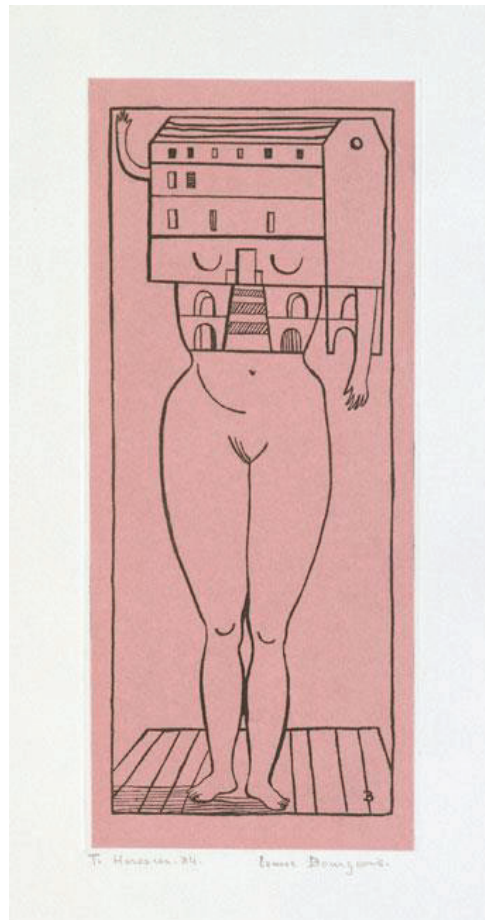
O princípio da vida seria o corpo masculino, pois contém o falo que gera, sendo o útero um objeto oculto e cavernoso, tendo a mulher as virtudes de contenção, discrição, doçura, passividade e submissão. O útero é “o último foco da estrutura do poder no que tange à modelagem que o sistema do feminino exerceu sobre as mulheres” (TIBURI, 2008, p. 53).

Existe uma analogia entre o útero e o lar. Um órgão com função social, com uma dimensão interna e vazia que se transformou em externa, o que deveria significar todo o corpo de uma mulher. As mulheres seriam prisioneiras de seus próprios corpos e a casa uma repetição de uma representação já oculta de sua anatomia.

“[...] A casa está para o útero como o corpo inteiro para a sociedade. O útero é o vazio, assim como a casa. Isso quer dizer que ambos, abrigam o vazio. São invólucros. Quando o útero se torna público, uma casa de todos, ele reaparece no bordel: a mulher é, então, a prostituta. Quando a mulher é pública ela se torna mulher de todos, uma mercadoria. Mercadoria da prostituição e da pornografia: corpo sempre reduzido as suas funções sexuais.” (TIBURI, 2008, p. 56).

Essa analogia foi bastante explorada na arte, podemos observar trabalhos icônicos como o “femme Maison” da Louise de Bourgeois.

Figura 7 – Femme Maison



Fonte: <https://theartistspredicament.com/2015/09/15/femme-maison-house-woman-1984-louise-bourgeois/2015>

Mesmo após a conquista da independência da mulher na sociedade podemos perceber que a objetificação e silenciamento do corpo feminino ainda estão presentes.

“[...] Um pesado silêncio continua recobrando os sofrimentos do corpo da mulher no mundo: infanticídios e mutilações sexuais de meninas, casamentos forçados, prostituição imposta, violências domésticas, cremações de viúvas (sati) na Índia, devastação pela Aids na África, o véu do integrismo religioso... São muitos os gritos na noite das mulheres.” (SANTOS DE MATOS SOIHET, 2003, p. 26)

Quando pensamos em história da representação do corpo feminino as poucas referências vêm a partir de criações masculinas. Podemos observar nessas obras três tipos de representação feminina, segundo Duby (1992, p.20) a da prostituta; a da mãe protetora e a da mulher subalterna e submissa. As mulheres dependem da aprovação de seu corpo para sua autovalorização. É a partir desta citação que penso as três representações das estatuetas.

“[...] O corpo “expropriado” mostra que muitas mulheres continuam a ver seus corpos como uma propriedade que não é sua, mas de algum homem que as domina.” (TIBURI, 2002, p. 266).

Esse pensamento de um corpo submisso se faz extremamente importante na minha pesquisa, principalmente no sentido de submissão por uma crença religiosa. Segundo a revista *Senso* (2019) em nossa sociedade patriarcal e machista, a mulher é considerada mais carnal e, no imaginário bíblico de nossa cultura, é a mulher, símbolo da natureza selvagem, que leva o homem, símbolo do espírito (e depois da razão), a pecar. Por isso, ela não pode assumir o poder em muitas igrejas: a mulher é um “pedaço” do homem e deve depender dele.

Boa parte das pessoas queimadas pelas fogueiras da Inquisição eram mulheres, muitas delas parteiras e curandeiras, representantes de um sagrado feminino que era mais antigo, da deusa-mãe um outro modelo de humanidade e de divindade.

“[...] como acontece em todas as Igrejas dos santos, estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como também diz a Lei” (São Paulo aos Coríntios. BIBLIA, 1982,).

A bíblia traz diversos textos que não tratam homens e mulheres com isonomia e equidade, o que fica claro desde o início de seus escritos, em Gênesis é retratada a criação do mundo, logo, do homem e da mulher, em um de seus capítulos após a mulher comer a maçã, (fruto proibido no contexto bíblico) isso fica claro mais especificamente em Gênesis capítulo 3, versículo 16.

“[...] Disse também à mulher: Multiplicarei os teus trabalhos, e (*especialmente os de*) teus partos. Darás à luz com dor os filhos, e estarás sob o poder do marido, e ele te dominará.” (BIBLIA, 1982, p. 28)

Essa subordinação ao marido que aparece como uma forma de castigo ao feminino está presente em outros textos e capítulos como algo que deve ser seguido pela mulher que crê em Deus. Aqui se faz pertinente ressaltar a clara distinção de gênero presente na bíblia que rege a religião católica.

A representação do feminino pela religião tem grande impacto na forma que a mulher é tratada na sociedade atual, um exemplo disso é a imagem de Maria e Eva, onde uma gera em seu ventre um filho sem a relação carnal necessária para a concepção. Enquanto a outra ao tentar adquirir conhecimento é banida juntamente de seu companheiro e descendentes de viver no paraíso, sendo considerada culpada.

4. CHEIAS DE GRAÇA: PRODUÇÃO POÉTICA

Farei aqui um relato sobre a construção de minha poética visual que resultou em *Cheias de Graças*. A produção da série de apropriações de estatuetas católicas teve seu início em 2020. Por ser de família católica, a religião sempre foi algo presente em minhas vivências.

Hoje, quando observo as imagens de sacras, me questiono sobre como estes retratos de um ideal de feminilidade permeiam a sociedade influenciando o nosso cotidiano. Tenho como intuito subverter os significados já empregados às imagens, através, de pintura e modelagem com cerâmica fria em estatuetas de gesso.

Durante a minha pesquisa sobre as iconografias da Nossa Senhora das Graças, pude observar a escassez de saberes científicos, as crenças e iconografias são baseadas no imaginário popular, passadas de geração em geração. Nesse sentido, encontrei o blog Cruz Terra Santa que cita alguns significados das estatuetas.

Figura 8 – Nossa Senhora das Graças



Fonte: Blog Terra Santa, <https://cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-nossa-senhora-das-gracas/283/103/>. 2017

Alguns dos aspectos importantes apresentados são a túnica e o véu na cor branca que simbolizam a pureza da Virgem Maria. Na bíblia, segundo as palavras do Anjo Gabriel (Lucas 1, 28), o véu era usado sobre os cabelos pelas mulheres judias como sinal de pureza e recato. Outro elemento importante é a serpente debaixo dos pés, simbolizando o demônio, enquanto os braços abertos retratam a servidão da Santa em atender as graças de todos que a pedirem. Diante disso, realizei a compra das estatuetas em gesso para poder materializar minha poética na imagem de referida Santa.

Figura 9 – Santa em gesso



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

O primeiro esboço desenvolvido representa os estereótipos da mulher promíscua. As principais modificações se deram a partir das vestes curtas, também removi o véu dos cabelos, retirando assim a sua pureza e recato.

Figura 10 - Esboço 1



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Conforme minha pesquisa foi avançando, desenvolvi um segundo esboço onde véu e a túnica agora são vermelhos e rosa claro, seu significado de pureza continua, porém agora com uma reflexão acerca do que faz uma mulher ser considerada pura. O cinto deixa de ser azul e passa a ser dourado, distorcendo o princípio das vestes simples e que acatam os princípios da religião, sendo que o vestido azul comprido passa a ser um vestido curto e preto, assim a Santa aparece com as pernas de fora, algo que foge totalmente do esperado de imagens sacras, representando estereótipos considerados profanos para a religião.

Figura 11 - Esboço 2



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Iniciei o processo de construção dessa santa cortando o gesso para criar o vestido curto e as pernas, o processo foi lento e não obtive o resultado esperado, após, adicionei as camadas de cerâmica fria para moldar os cabelos longos e as pernas. Por fim, finalizei com a pintura utilizando tinta acrílica e colando elementos como brincos e cinto.

Figura 12 - Santa 1



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

O esboço da segunda santa representa os estereótipos da mãe protetora, neste os cabelos continuam soltos e fora do véu, as roupas são comuns, as pernas aparecem, mas dessa vez vestidas. As cores utilizadas não seguem o padrão comum para imagens sacras.

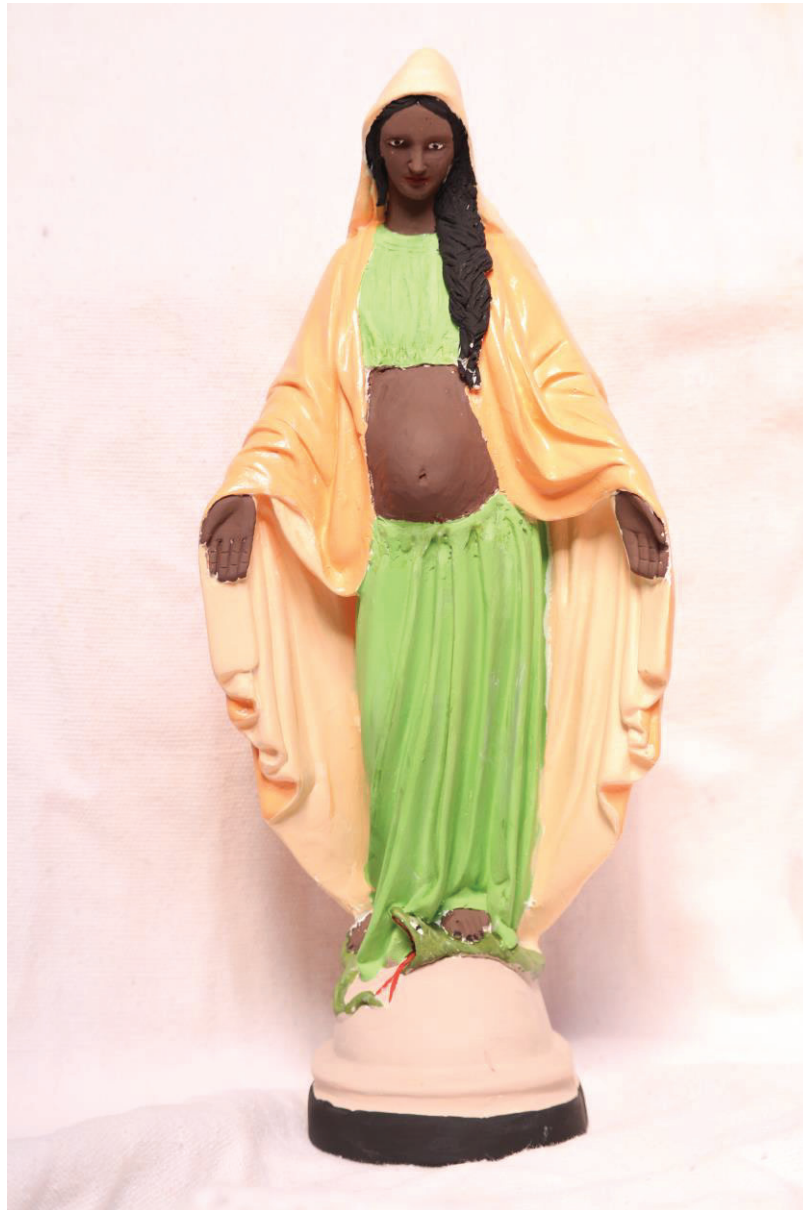
Figura 13 - Esboço 1



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Já na realização do trabalho houveram algumas mudanças, o véu e a túnica são da cor salmão, reforçando o estereótipo de que uma mulher quando decide ser mãe é um ser puro e muitas vezes glorificado. O vestido deixa de existir e é substituído por um *cropped* e saia longa verde claro, deixando o ventre à mostra.

Figura 14 - Santa 2



Fonte: Acervo pessoal, 2021

No livro *Culto e Imagem da Virgem*, são apresentadas diversas imagens de santas grávidas e amamentando, representando assim a maternidade como algo sagrado. Segundo Marie France

“[...] venera-se assim uma Nossa Senhora do “Cria-Leite” em Nantes, uma outra do “Leite bom” em Persac, ambas na França. Essas Virgens foram por muito tempo as padroeiras das amas-de-leite, na época em que as mulheres tinham ainda o hábito de confiar-lhes seus filhos.” (2000, p. 30)

Já na terceira e última estatueta, criei o esboço pensando na representação dos estereótipos de mulher submissa e servil. As principais modificações se deram a partir das vestes curtas, avental e roupas de empregada doméstica presentes no nosso imaginário devido a filmes e séries.

Figura 15 - Esboço 1



Fonte: Acervo pessoal, 2020

Para a realização do presente trabalho, optei por adicionar um avental simples que se aproxima dos utilizados por mulheres do interior, trazendo assim uma proximidade com todas as mulheres que precisam trabalhar cuidando dos filhos e do lar, sendo que as cores roxas e azuis são amplamente utilizadas em imagens sacras, referidas submissão e servidão já são características presentes na Nossa Senhora original, a que atende todas as graças assim como uma mãe para com seus filhos.

Figura 16 - Santa 2



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Algumas características se mantiveram em todas as imagens, principalmente a serpente aos pés, pois meu intuito aqui foi manter a representação do demônio. Sendo que ao meu ver retirá-la da imagem implicaria na perda de uma representação da força do gênero feminino. Outras características que permanecem imutáveis entre todas as estatuetas são o corpo eternizado da jovem, assim como toda imagem sacra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de produção desta monografia percebi principalmente a escassez de um acervo científico sobre iconografias da Nossa Senhora das Graças, sendo que as informações que obtive eram somente saberes populares passados de geração em geração. Nem mesmo a igreja católica guarda registros de referida iconografia, tanto que somente conseguiram me informar acerca de apenas uma referência bibliográfica científica e concreta.

Dessa forma, resta evidenciada a relevância e atualidade da presente pesquisa, bem como a imperatividade de sua ampliação enquanto tema que oferece possibilidades de desdobramentos maiores, com ampla margem de pesquisa que não foi alcançada em função da falta de maior tempo a ser dedicado.

Com o desenvolvimento da pesquisa também é possível traçar uma relação entre as visões antagônicas da figura feminina dentro da religião (em especial Cristã Ortodoxa). No caso de Maria, com a concepção sem relação carnal em conjunto com a submissão e servidão à figura masculina, tem-se a figura da mulher “ideal” ou apta a ser santificada. Por outro lado, qualquer outra concepção que siga a biologia normal humana demoniza a figura feminina, sendo taxada como profana, sofrendo a marginalização e discriminação de seus pares que seguem a doutrina.

Quanto às dificuldades encontradas ao recriar as imagens da Santa, é de suma importância destacar as encontradas no quesito do pensamento crítico acerca dos ícones alterados. Parte dessa dificuldade é atribuída à vasta propagação da religião Cristã Ortodoxa em minha região bem como ao próprio conflito interno de estar “profanando” uma figura de tal relevância religiosa.

Ainda assim, a recriação e modificação do ícone da Nossa Senhora das Graças é um ponto pivotal na luta contra a estigmatização da imagem feminina e dos dogmas impostos à ela, sendo que este entendimento só foi alcançado com a pesquisa extensiva e um conhecimento maior adquirido por meios de outros artistas e textos que servem como bases argumentativas da presente pesquisa.

Pode-se concluir, em suma, que a distorção patriarcal do que é e do que representa a figura feminina dentro da arte, com ênfase na seara religiosa, deve ser combatida com afinco e vigor por aquelas que se vêem à mercê de referido sistema opressor. Uma parte de minha contribuição nesse embate sociopolítico conclui-se com a presente pesquisa e com a poética

produzida, mas é de notório saber que essa luta não termina hoje e nem no futuro próximo, desta forma só no resta a coragem e resiliência para seguir em frente.

6 REFERÊNCIAS

APROPRIAÇÃO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3182/apropriacao>. Acesso em: 02 de dezembro de 2021. Verbete da Enciclopédia.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo – fatos e mitos**; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BENJAMIN, Walter. **Desempacotando minha biblioteca**. In: Obras escolhidas II: rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 227-235.

BÍBLIA, A. T. Provérbios. In BÍBLIA. Português. Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de Pe. Matos Soares. São Paulo:ed. Paulinas, 1982. p.1.409.

BOYER, Marie France. **Culto e Imagem da Virgem**. 1. ed. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000. 110p.

CRUZ TERRA SANTA . **Santos e Ícones Católicos Significados e Simbolismos De Nossa Senhora Das Graças**. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-nossa-senhora-das-gracas/283/103/>. Acesso em: 8 nov. 2021

DUBY, Georges. **Imagens da mulher** ed. Afrontamento, Lisboa 1992.

HENRI-PIERRE. **O corpo como objeto de arte**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

LAMAS, Berecine Sica. **As artistas: recortes do feminino no mundo das artes**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

MATOS, M. I. S.; SOIHET, R (orgs). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MOLES, Abraham. **O Kitsch: a arte da felicidade**. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2007, 240p.

REVISTA SENSO. **Mulheres na religião**. Disponível em: <https://www1.unicap.br/observatorio2/?p=4718>. Acesso em: 10 nov. 2021.

RIBEIRO, Virgínia Cândida. **Apropriação na arte contemporânea: colecionismo e memória**. p. 1-807, 2008.

SOASIG CHAMAILLARD. **About**. Disponível em: <https://www.soasig-chamaillard.com>. Acesso em: 27 out. 2021.

SWAIN, Tânia. N. **Figuras de mulher em Simone de Beauvoir: A mãe, a prostituta, a lésbica**. 2011.

TIBURI, Márcia. **As mulheres e a filosofia**. São Leopoldo: Ed. Da UNISINOS, 2002.

TIBURI, Márcia. **Mulheres, filosofia ou coisas do gênero**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

TREVI, Carlos. **Sandro Ka: tanto barulho por nada**. 1. ed. Porto Alegre: Biblioteca Santander Cultural, 2017. p. 1-51.